VISITA À "NOVA FILOSOFIA" DEZ ANOS DEPOIS

ROBERT PONGE *

Na segunda metade da década de 70, a França assistiu à publicação de uma quantidade de livros e artigos apresentando-se, ou sendo apresentados, como "nova filosofia". A dita "nova filosofia" rapidamente tornou-se a última moda, passando, em certos círculos, a ser considerada como a derradeira resposta e solução a uma série de questões que, então, preocupavam os estudiosos e interessados em literatura, sociologia, filosofia e política. Pretendo substituí-la às outras escolas, suposta superação dos "ismos" anteriores (marxismo, funcionalismo, existencialismo, estruturalismo, etc.), reinava a "nova filosofia"!

O reino não durou pois como não podia deixar de ser — destino implacável de todas as modas e panacéias —, a "nova filosofia" frustrou as expectativas. O que houve de realmente "novo" foi a rapidez com que a "nova filosofia" foi perdendo a sua aura mágica para finalmente cair no esquecimento quase total. Talvez por causa desta rápida queda para fora da moda é que, no Brasil, a "nova filosofia" teve repercussão relativamente limitada, não chegando a realmente tomar raízes ou mesmo empolgar.

Hoje, avizinhandose os dez anos dos momentos mais altos do furor "novo-filosofista", não é descabido analisar o fenômeno procurando desvendar algumas causas do caráter meteórico de sua trajetória.

ORIGEM DA "NOVA FILOSOFIA"

À primeira vista, os autores abrangidos pelo termo "nova filosofia" parecem muito díspares: tinham origens diversas, campos de pesquisa diferenciados (Platão, Hegel, Heidegger, literatura, etc.), posições político-partidárias divergentes (alguns se declaravam a favor, outros contra o "Programa Comum" da "União das Esquerdas", os demais se situavam "além" desta escolha). O próprio termo "nova filosofia" não era elemento de união pois muitos deles faziam questão de afirmar: "A 'nova filosofia'? mas isso não existe!", André GLUCKSMANN sendo categórico:

"A expressão aparentemente foi inventada por Bernard Henri Lévy, há dois anos, a fim de lançar um certo número de escritores que editaria nas coleções por

*Professor Adjunto, Setor de Francês, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ele dirigidas. Este é o trabalho de um editor. Mas, eu não estava lá e continuo não estando¹. Portanto, isso não me concerne especialmente.”²

No entanto se estudarmos com atenção o passado de cada um dos “novos filósofos”, poderemos perceber que a trajetória da maioria é muito parecida. Quase todos fizeram seus estudos superiores juntos, assistiram aos seminários de Louis ALTHUSSER e Jacques LACAN, participaram do Maio de 1968, foram militantes maoista do grupo “Gauche Prolétarienne” e do jornal *La Cause du Peuple*. Após 1968, sentiram um certo refluxo que, aprofundando-se a partir de 1970-71, gerou neles dúvidas e angústia. Apavoraram-se ao fazer a avaliação que, frustrando suas esperanças de 68, “os aparelhos absorveram tudo.”³ Vendo nos fatos uma confirmação de sua avaliação, se desesperaram e passaram a se perguntar se o proletariado não era conivente com os “aparelhos”, se as massas ainda queriam a revolução. O momento seguinte foi aquele da descoberta que “o socialismo é o Gulag”. Foi aí que entrou em cena Jean-Marie BENOIST (que nunca se tinha reivindicado do marxismo); tinha lançado o grito de “Marx morreu”. Acreditando encontrar uma resposta a suas dúvidas os antigos alunos de ALTHUSSER e LACAN se agarraram a este grito. A “nova filosofia” começava a tomar forma. Nada mais faltava senão a intervenção de Bernard-Henri LEVY (também ele ex-Althusser, ex-maoista, ex-...) que, nomeado diretor de coleções na Editora Grasset, confessou numa entrevista:

“Eu não sabia nada de edição. Então, telefonei aos meus antigos colegas. Assinamos contratos... foi o começo da aventura. Aos poucos, todos os ‘novos filósofos’ foram para a Grasset.”⁴

Quase simultaneamente, ocorreu o empurrão do “genial” Maurice CLAVEL, a respeito do qual François AUBRAL e Xavier DELCOURT escreveram acertadamente: “De tanto nada pensar, acaba por dizer qualquer bobagem.”⁵ CLAVEL reuniu a quase todos e declarou: “Vocês têm dois anos para ficarem célebres. É a única maneira de parir a revolta”. Depois, foram juntos para a televisão: foi um sucesso.

O PONTO DE UNIÃO DOS “NOVOS FILÓSOFOS”

Qual era o ponto comum da temática que, além das aparências, reunia os “novos filósofos”, fazendo a “nova filosofia”?

Embora a referência à Jacques LACAN fosse quase consensual, esta não po-

1 No entanto, A. GLUCKSMANN estava sendo editado por B.-H. Lévy!

2 Entrevista publicada em *L'Express*, Paris, 18.07.1977.

3 Denominação pejorativa na França, das direções das organizações tradicionais da classe trabalhadora francesa no plano sindical e partidário (PS, PC, CGT-FO, CFDT); estas direções são consideradas por muitos como “aparelhos burocráticos”, daí esse nome.

4 Entrevista publicada em *Le Point*, Paris, 04.07.1977.

5 AUBRAL, François & DELCOURT, Xavier, *Contre la Nouvelle Philosophie*. Paris Gallimard, 1977.

deria ser a constante do grupo pois nem GLUCKSMANN, nem LE BRIS, nem Michel GUERIN (e este último fez questão de salientá-lo numa carta ao *Le Monde*) haviam sido lacanianos.

1 O ponto comum a todos era mesmo o consenso sobre “MARX morreu”. Seu acordo residia sobre uma negação, sobre um “sim” à rejeição de algo que chamavam “marxismo” e “socialismo”. Para Jean-Paul SARTRE, o marxismo era “a filosofia insuperável de nossos tempos.” Para os novos filósofos, estes tempos já passaram, o marxismo sendo reduzido à “filosofia do Gulag”. Algumas citações são bastantes eloquentes:

“Eu reprovo Marx e outros mestres-pensadores alemães por terem traçado um certo número de caminhos intelectuais: culto da revolução total e final, culto do Estado que terroriza para o bem da coletividade, culto da Ciência (social) que permite guiar as massas contra sua própria vontade... Esses caminhos não desembocam no Gulag, mas levam à não resistência ao Gulag.” (GLUCKSMANN, 1977).

“Enquanto tal, o marxismo é um adversário... O marxismo... é o Gulag espiritual.” (JAMBERT & LARDREAU, 1976).

“O marxismo é uma igreja... O marxismo é o ópio do povo.” (BENOIST, 1970).

“Não há nenhuma real diferença entre o pensamento tecnocrático, o do ‘desejo’ e o socialismo. Pelo contrário, há, em todos esses casos, um mesmo efeito de negação, de religião laicizada. Pensamento do ‘é preciso’: é preciso Progresso, é preciso Gozar, é preciso ser Idêntico na Igualdade.” (SOLLERS, Philippe).

Enfim, segundo Michel LE BRIS não podia ser encontrado no marxismo nada senão uma “lógica de carneiros”, ENGELS sendo um “debilóide sanguinário”; e segundo Philippe SOLLERS, o proletariado tinha virado “uma classe impossível de encontrar”.

2 Alguns dos “novos filósofos” iam mais longe. Segundo estes, a culpa para os problemas atuais não era apenas de MARX mas também, antes dele, de HEGEL e até mesmo, antes deste, de ROUSSEAU, DIDEROT, VOLTAIRE, d'HOLBACH, etc. “O que é o Gulag?” perguntava Bernard-Henri LEVY, dando a seguinte resposta: “As Luzes menos a tolerância”; Philippe SOLLERS acrescentava: “O fascismo e o stalinismo vêm das próprias Luzes”, para desembocar nestas monstruosidades que “O racionalismo e o marxismo funcionam como a religião de nosso tempo” e que a idéia de “progresso” é uma “idéia reacionária”.

Não foram todos que iam tão longe no absurdo, mas todos comungavam na “recusa de se deixar levar por um pensamento acabado saído, há um século e meio, de um ilustre barbudo” (GLUCKSMANN, A.), pois “Stalin não era apenas marxista, era socialista mesmo. SOLJENITSYN não fala apenas no Gulag, mas também do socialismo...” (LEVY, B.-H.). Em suma, o “Gulag” é uma obra de MARX!

E, no fundo, não apenas de MARX, pois este se reivindicava de HEGEL dos materialistas franceses, dos economistas ingleses, dos iluministas. Não esqueçamos que André GLUCKSMANN reprovava os “mestres-pensadores” (e não apenas

MARX) por terem “traçado um certo número de caminhos intelectuais [. . .] que não desembocam no Gulag, mas levam à não resistência ao Gulag”. Nada menos!

AS PROPOSTAS DOS “NOVOS FILÓSOFOS”

Negado SARTRE bem como MARX e os grandes “mestres-pensadores”, o que restava? Qual era a solução?

Philippe NEMO redescobria o Deus de Job e os valores espirituais. Para Jean-Marie BENOIST, “o *dever da filosofia* é. . . desmistificar as pretensas homogeneidades, mostrar à custa de quais negações se obtém a coerência,” e ao mesmo tempo preparar as “condições transversais de um futuro diálogo,”⁶ que seria a União Nacional do Povo Francês (outrora chamada “União Sagrada”). LARDREAU e LAMBERT procuravam um “ponto de apoio para resistir às teses lacanianas que nos condenavam ao desespero.”⁷ Michel LE BRIS afirmava o primado da estética sobre a lógica, da forma sobre o conteúdo e sustentava que, fora dos românticos, não havia salvação porque sua revolução tinha sido a revolução do Espírito. Para André GLUCKSMANN, “cada um procura pensar por si mesmo” e, segundo Bernard-Henri LEVY, “o intelectual doravante, não poderá ser senão metafísico, artista, moralista.”⁸ Quanto a Jean-Paul DOLLE, tomava “os ‘holzwege’, os caminhos da montanha que serpenteiam através das florestas em direção às clareiras. Estes caminhos não são ‘caminhos que não levam a parte alguma’. São caminhos do futuro. Somos alguns e algumas a tomá-los”. Afora isso, ele dizia “se deleitar com seus recalques.”⁹

Além disto, guindavam SOLJENITSYN ao estatuto de gurú, de “mestre-pensador” (I). Não faltavam os elogios: “Para entender [a situação de hoje], é preciso voltar a SOLJENITSYN [. . .], é o melhor historiador da Rússia contemporânea” (A. GLUCKSMANN); mais do que isto, “é o Dante do nosso tempo” (B.-H. LEVY).

UMA AVALIAÇÃO

O mínimo que se pode dizer a respeito da “nova filosofia” é que não havia nenhuma proposta positiva de visão de mundo, nenhuma originalidade ou análise filosófica, com efeito, a “nova filosofia” se reduziu a um anti-marxismo, ao culto a SOLJENITSYN e à denúncia do Gulag. Independentemente de uma análise precisa da validade de várias afirmações dos “novos filósofos” (avaliação que não cabe no quadro deste artigo), é forçoso convir que a “nova filosofia” oferecia pouco, muito pouco, praticamente nada. Vejamos.

O anti-marxismo não era nada novo; além disto, a variante apresentada era simplista, para não dizer exageradamente esquemática e primária.

6 BENOIST, Jean-Marie. [Entrevista] *Le Monde*, Paris, 27.05.1977.

7 JAMBERT, Christian & LARDREAU, Guy. [Declaração pessoal] *Le Point*, Paris, 04.07.1977.

8 LEVY, Bernard-Henri. *La barbarie à visage humain*. Paris, Grasset, 1977.

9 DOLLE, Jean-Paul; ver *L'odeur de la France*, Paris, Grasset, 1977; e também o artigo Il n'y a pas de gourous, publicado em *Le Monde*, Paris, 27.05.1977.

Também não era aos “novos filósofos” que se deveria a descoberta nem de Soljenitsyn nem das outras correntes de “dissidentes” soviéticos (que eles simplesmente ignoravam).

Tampouco descobriram eles a existência do “Gulag”, cuja denúncia é muito anterior a SOLJENITSYN.¹⁰ Talvez os “novos filósofos” não tenham querido voltar até 1924-25, quando Leon TROTSKI já denunciava os métodos autoritários e a brutalidade de STALIN; talvez 1935 (ano do *Stalin* de Boris SUVARIN) e 1936-37 (anos nos quais TROTSKI publicou *A Revolução Traída* e *Os Crimes de Stalin*) tenham ficado longínquos demais para “filósofos” amantes do “novo”; mas, então, porque esqueceram os nomes de Victor SERGE, Djilas, Berger? E de outros, vindos dos mais diversos matizes políticos: George ORWELL, P. NAVILLE, Rousset, o iugoslavo CIGILA, o tcheco Tigrid, Isaac DEUTSCHER, MERLEAU-PONTY, etc? Ou, mais próximos de nós, Rudolf BAHRO e Robert HAVERMANN?

E, no que toca a SOLJENITSYN não é possível esquecer que a solução que opõe ao “Gulag” não passa de. . . uma volta ao feudalismo!¹¹

Realmente, não havia nada de “novo”, nem de “filosofia” nos impropriamente denominados “novos filósofos”! Sua leitura só poderia frustrar o amador de filosofia e igualmente o aficionado de literatura. Quanto aos interessados em política ou sociologia mal poderiam ter encontrado algum proveito em obras que, apesar de dedicar linhas e linhas à denúncia do “gulag”, não continham qualquer esboço de análise da situação econômica e política, da natureza do Estado e das relações sociais na URSS.

“Nova” filosofia? O crítico e jornalista francês, Alfred FABRELUCE não concordou: “Os ‘novos filósofos’ simplesmente nasceram fora de época”¹⁰. Julgamento mais do que acertado; no Brasil teríamos dito: “Vinho velho em jarro novo” ou ainda “roupa nova em defunto velho”!

10 SOLJENITSYN não teve a primazia na denúncia da repressão burocrática na URSS: processos de Moscou, campos de concentração, recursos aos hospitais psiquiátricos para fins de repressão política. Sua existência foi descoberta e começou a ser denunciada bem antes de SOLJENITSYN, já nos anos 30, por veteranos bolchevistas que, fiéis a seu ideal socialista, se opunham ao terror stalinista, relembrando inclusive que Karl MARX já tinha rejeitado o “comunismo de quartel” e que LENIN tinha claramente explicado que em um país socialista cada um poderia “ser livre de escrever o que lhe dá na telha.” O que SOLJENITSYN fez de original foi batizar com uma metáfora (o “Gulag”), dar um tratamento literário a esta realidade: “Ele a denunciou com toda a força de seu talento e de seu caráter, ele deu a palavra a desaparecidos e trouxe ao conhecimento muitos detalhes chocantes.” (FABRE-LUCE, Alfred. [Artigo] *Le Monde*, Paris, 03.06.1977.

11 Reconhecer devidamente as imensas qualidades literárias da obra de SOLJENITSYN não equivale a transformá-lo em “guru”, em grande mestre teórico ou filósofo. Aliás, a análise histórica é fraca e falha em sua obra.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 AUBRAL, François & DELCOURT, Xavier. *Contre la Nouvelle Philosophie*. Paris, Gallimard, 1977.
- 2 BENOIST, Jean-Marie. [Entrevista] *Le Monde*, Paris, 27.05.1977.
- 3 BENOIST, Jean-Marie. *Marx est mort*. Paris, Gallimard, 1970.
- 4 DOLLÉ, Jean-Paul. *Haine de la pensée*. Paris, HALLIER, 1976.
- 5 DOLLÉ, Jean-Paul. Il n'y a pas de gourous. *Le Monde*, Paris, 27.05.1977.
- 6 DOLLÉ, Jean-Paul. *L'odeur de France*. Paris, Grasset, 1977.
- 7 FABRE-BRUCE, Alfred. [Artigo] *Le Monde*, Paris, 03.06.1977.
- 8 GLUCKSMANN, André. [Entrevista] *L'Express*, Paris, 18.07.1977.
- 9 GLUCKSMANN, André. *Les maîtres-penseurs*. Paris, Grasset, 1977.
- 10 GUÉRIN, Michel. *Lettres à Wolf*. Paris, Grasset, 1977.
- 11 JAMBERT, Christian & LARDREAU, Guy. *L'ange*. Paris, Grasset, 1976.
- 12 JAMBERT, Christian & LARDREAU, Guy [Declaração pessoal] *Le Point*, Paris, 04.07.1977.
- 13 LE BRIS, Michel. *L'homme aux semelles aux vent*. Paris, Grasset, 1977.
- 14 LÉVY, Bernard-Henri. *La barbarie à visage humain*. Paris, Grasset, 1977.
- 15 LÉVY, Bernard-Henri. [Entrevista] *Le Point*, Paris, 04.07.1977.
- 16 NEMO, Philippe. *L'homme struturel*. Paris, Grasset, 1975.

Endereço para correspondência: Av. Ganzo, 385/705
90060 Porto Alegre, RS
Brasil.